



É um Jumbo da Coreia do Sul Avião desaparece em pleno voo com 269 pessoas a bordo

Pag. 24

Imprensa: a crise do sector

EXISTE uma crise da Imprensa e não, apenas, uma crise circunscrita ao sector estatizado da Imprensa. A crise atinge, principalmente, a Imprensa diária. A tiragem global dos jornais diários, matutinos e vespertinos, não é superior à que se verificava antes de 25 de Abril de 1974. Desapareceram jornais, novos jornais foram criados. Foi suprimida a afrontosa Censura. Não se conseguiu alargar o público leitor dos jornais.

Os jornalistas têm uma situação profissional precária. Aos jornalistas, quantas vezes desrespeitados no exercício da sua profissão, vemos atribuídos, por governantes que deveriam medir as palavras e por políticos que deveriam ser responsáveis, a agitação política e social, os conflitos pessoais e políticos, os atritos institucionais, as dificuldades internas e externas dos partidos, as descontinuidades governativas, as subidas de preços, a desestabilização, a desvalorização do escudo, todos os males dos homens e da pátria, a paz e a guerra no mundo.

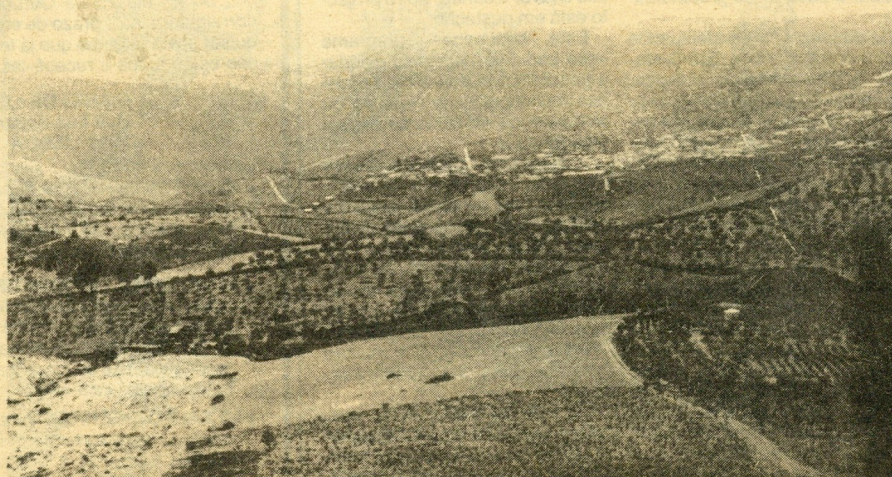
Outros meios de Comunicação Social concorrem com os jornais: a Rádio, a Televisão. Concorrem, sob o aspecto comercial e sob o aspecto informativo. A difusão dos jornais não está organizada de modo a cobrir os espaços urbanos, a penetrar no mundo rural, a atingir o público potencial e a criar um novo público. A cidade — referimo-nos particularmente a Lisboa — modificou-se no que se refere a locais de convívio, horários da vida quotidiana, sistema de transportes, tudo em desfavor da leitura dos jornais. A erosão dos orçamentos individuais e familiares reflecte-se no número dos leitores compradores. As dificuldades das empresas reflectem-se no volume da publicidade.

Entre outros factores que agravam os custos de produção dos jornais, deverá destacar-se o preço do papel importado e pago em divisas. Exportamos pasta de papel, importamos papel. Não poderíamos auto-abastecer-nos? Não vemos que o problema tenha sido estudado em toda a sua extensão e complexidade e sabemos que ainda não foram tidas em conta as condições

Continua na pág. 2

Em Freixo de Espada à Cinta:

Nuclear não, obrigado...



A noite, nos três cafés do centro de Freixo de Espada à Cinta, o pólo das conversas é a «ameaça nuclear». O presidente da Câmara diz que «os querem para cobaias, por se-

rem poucos». Com efeito, a vila, a mais antiga do que a própria nacionalidade, é um dos locais onde está prevista a implantação de uma central nuclear. Os outros são Mira, Mé-

tola e Vila Nova de Milfontes. Mas em Freixo de Espada à Cinta a ideia não agrada: «Dizem que estraga a terra.» O «DL» esteve lá: viu, ouviu e sentiu. Pág. 6

Futebol incandescente

Coimbrões acusa árbitro «corrupto»

Tal como o «DL» informou anteontem, em primeira mão, o Coimbrões ia apresentar, em conferência de Imprensa, provas daquilo que intitula «*corrupção no futebol*». Gonçalves Martins, árbitro que dirigiu o jogo entre o Trofense e o Coimbrões, foi esta madrugada seriamente equacionado na sua honestidade

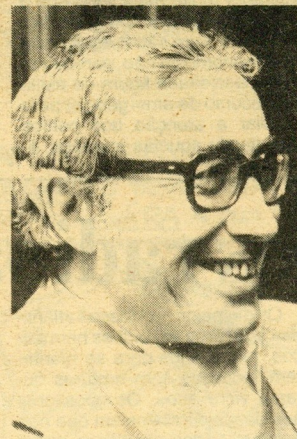
por afirmações feitas por responsáveis da colectividade de Vila Nova de Gaia, que se socorrem de depoimentos assinados pelos fiscais-de-linha Delfim Ferreira Dias e Casimiro Dias Ribeiro, acusatórios do seu chefe de equipa.

Págs. 17 e 18

Para evitar novo «banho de multidão»

“Sealift” prefere não anunciar quando tentará virar o “Tollan”

Pag. 9



*José Cardoso
Pires
ao telefone
com o “DL”:
Os
estudantes
estão
anestesiados*

Pag. 10

Esta manhã no Brasil

Dezassete mortos e duzentos feridos na explosão de vagões-cisterna

Dezassete pessoas morreram e duzentas ficaram feridas, oitenta gravemente, em consequência da explosão de vários vagões-cisterna que transportavam 132 mil litros de gasolina. A tragédia deu-se perto do centro de Pojuca, localidade situada a 70 quilómetros de Salvador (Nordeste brasileiro).

Hoje “Ler/Escriver”

A uma serenidade cisgada (extinctos)

A serenidade cisgada para muitos se trata de uma serenidade que se encontra em todos os momentos da vida. É a serenidade que se encontra em todos os momentos da vida. É a serenidade que se encontra em todos os momentos da vida.

As viagens subversivas de Gulliver

Uma personagem

Tradução e nota de

HOJE CUPÃO N.º 21 (página 2)

AINDA PODE CONCORRER

PARA O DL 83

e mais 2 páginas do Álbum “Sempre Fixe” dedicado a Carlos Botelho

ao telefone com



*José
Cardoso
Pires*

“A massa estudantil está anestesiada como nunca”

Entre a RTP e os intelectuais portugueses há um contencioso ainda por resolver. Além disso, há a curiosidade de, neste momento, ser um intelectual — Palma Ferreira — quem está à frente do mais poderoso meio de comunicação português. «Ao telefone com» José Cardoso Pires, um dos nossos escritores mais prestigiados pusemos-lhe a questão:

É positivo estar um intelectual a presidir ao Conselho de Gerência da RTP?

O autor da «**Balada da Praia dos Cães**», surpreendido pela chamada matinal, respondeu:

«Não posso fazer um balanço por dois motivos: em primeiro lugar porque não vejo TV com regularidade; em saegundo, porque ainda talvez seja demasiado cedo para se ter uma ideia dos caminhos seguidos pelos novos responsáveis. De qualquer modo, o facto de na RTP estar um escritor é mais importante, quanto a mim, do que lá estar um guarda-livros ou um político-partidário ou um qualquer indivíduo sem sensibilidade cultural. Quanto a Palma Ferreira: a única cois que sei é que ele, na sua tomada de posse, apresentou linhas programáticas que me parecerem correctas. Quando é que as conseguirá levar a prática, bom, isso não sei. E talvez seja, como disse, demasiado cedo para saber».

Você é dos poucos escritores em Portugal que vive exclusivamente do que escreve. O que é ser escritor profissional em Portugal?»

«É, antes do mais, uma aposta como muitas outras que a gente faz... às vezes começa-se na Faculdade, na Universidade, com o abandono do curso para nos podermos dedicar a uma actividade mais criativa. Mas é uma vida difícil. O escritor profissional no nosso país tem que pensar sempre a 365 dias, como quem preenche uma letra comercial. Temos que fazer as contas, pensar se dá para viver mais um ano sem arranjar novo emprego. Além do mais o livro não é visto pelos responsáveis numa perspectiva correcta, não é devidamente colocado no mercado cultural, onde não passa de um parente pobre».

«Como é que vê a actual situação política e social em Portugal?»

«Dramática. Não só pelas dificuldades a que chegamos, mas fundamentalmente porque estamos a tentar resolver a nossa vida política e económica atrav és de um sistema de autofagia. As soluções que os nossos político têm vindo a apresentar são sempre à custa de nos reduzirmos a nós mesmos. Autofagia pura: alimentamo-nos das nossas mãos, dos nossos braços, dos nossos olhos, dos nossos rostos. Impõem-nos sacrifícios sem qualquer perspetiva».

«Hoje é o Dia Mundial da Paz. Você é membro do CPPC. Que lhe diz o dia de hoje? A Paz é possível?»

«Poucas novidades haverá a acrescentar à situação que desde há anos se vem arrastando. Qualquer coisa que se diga é já conhecida. No fundo, em teoria, parece que o problema continua nos mesmos moldes de confrontação entre dois blocos. A questão da corrida aos armamentos, das armas superestratégicas... Bom, e já não se trata 'apenas' da guerra nuclear, agora já se fala da preparação de uma guerra espacial... São problemas que se têm vindo a pôr nas sucessivas conferências internacionais. Com as novas propostas dos soviéticos veremos as reacções dos EUA. Será de adiamento, mais uma vez? As negociações têm-se revelado difíceis. Mas há que continuar na via do diálogo.»

«Em França desenvolve-se uma polémica sobre o silêncio dos intelectuais de esquerda face a um governo socialista. Pensa que em Portugal os intelectuais de esquerda estão também silenciosos, desmobilizados, pouco actua-ntes?»

«Desconheço essa polémica em França. Quanto aos intelectuais de esquerda no nosso país, pergunto também: deverão ter uma intervenção maior na vida pública? Talvez sim. Mas a verdade é que há uma grande anestesia, não digo ao nível das letras, mas ao nível da grande massa populacional. Veja o que se passa com a massa estudantil: não reage. Os estudantes estão anestesiados também, encontram-se frustrados. Na ditadura de Salazar, por exemplo, os estudantes apareciam, davam a face, protestavam. E hoje?

Eles não têm saídas, nunca tiveram tão poucas perspectivas em relação ao futuro. E no entanto parecem anestesiados, fechados numa Universidade cada vez mais classista, elitista, terrível. Parece que estamos a pagar uma factura em relação a essa outra fase selvagem por que a Universidade passou logo após o 25 de Abril. Uma factura caríssima. Há ainda a Igreja, a dominar de uma forma terrível o ensino, utilizando outras vias. A oficializar-se como talvez nunca tivesse estado. Neste momento, de resto, corremos o risco — há quem tenha essa meta — de deixarmos de ter um ensino laico. E os estudantes não têm dado resposta a esta situação. E falo-lhe nisto porque me parece não ser correcto pôr a questão do silêncio dos intelectuais, dos escritores.

O fenómeno é mais amplo.»

Ribeiro Cardoso